

PESQUISA ARQUEOLÓGICA  
SAMBAQUI DO BA  
SÃO LUÍS, MAR  
REFLEXÕES SOBRE A OCO

---

# PESQUISA

ARQUEOLÓGICA NO SAMBAQUI  
DO BACANGA, SÃO LUÍS,  
MARANHÃO: REFLEXÕES SOBRE  
A OCORRÊNCIA DE CERÂMICA  
EM SAMBAQUIS DO LITORAL  
EQUATORIAL AMAZÔNICO

ARKLEY MARQUES BANDEIRA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

### **Resumo**

O presente artigo trata da ocupação pré-histórica do litoral equatorial amazônico, a partir dos resultados obtidos na pesquisa arqueológica realizada no sambaqui do Bacanga, em São Luís, Maranhão. Os trabalhos de campo evidenciaram vestígios materiais de populações pescadoras-coletoras-caçadoras e ceramistas estabelecidas na região entre 6.600 e 900 anos AP. A pesquisa buscou explorar na bibliografia pertinente parâmetros que pudessem sustentar afirmações relacionadas à cerâmica antiga em sambaquis do litoral equatorial amazônico, visando fundamentar as interpretações aqui propostas.

Palavras-chave: Cerâmica, sambaqui, litoral equatorial amazônico.

### **Abstract**

The present article deals with the pre-historic occupation of the equinoctial Amazonian seashore using as a leading axis the results obtained from archaeological research undertaken at the Bacanga shellmound in São Luís, Maranhão. Fieldwork at the mentioned shellmound indicated occupation by fishing, gathering, hunting, and pottery production populations settled in the region from 6.600 to 900 yBP. The investigation sought to place the study in the broad context of the investigations already carried out in the area, in order to find support for the current case study interpretation.

Key words: Ceramics, shell mounds, Amazonian equinoctial seashore

### **Resumen**

El presente artículo trata de la ocupación pre-histórica de la costa ecuatorial Amazónica a partir de los resultados obtenidos en la pesquisa arqueológica realizada en el conchal de Bacanga en São Luís, Maranhão, cuyos trabajos de campo muestran vestígios materiales de poblaciones pescadoras, recolectoras, cazadoras y ceramistas establecidas en la región cerca de 6.600 hasta 900 años AP. La investigación buscó parámetros bibliográficos que pudiesen sustentar afirmaciones relacionadas a la cerámica antigua en los conchales de la costa ecuatorial amazónica visando fundamentar las presentes interpretaciones sobre el objeto de estudio.

Palabras-claves: cerámica, conchal, costa ecuatorial Amazónica.

## INTRODUÇÃO

Estudos arqueológicos há muito apontaram para a existência de sambaquis no litoral centro-sul do Brasil, bem como para o litoral e áreas estuarinas e ribeirinhas do Pará e Maranhão<sup>1</sup>. Nos sítios da região norte do país, um elemento arqueológico se destaca em relação aos demais; trata-se de uma cerâmica que apresenta antiplástico em concha. Essa peculiaridade motivou a proposição de uma tradição ceramista regional denominada Mina, na década de 1960 (Simões 1981).

Um aspecto importante sobre a cerâmica filiada à tradição Mina é a sua relativa antigüidade em relação aos primeiros conjuntos cerâmicos de todo o continente americano. As datações obtidas para a região do Salgado, no Pará, atestaram ocupações humanas relacionadas com essa tradição em torno de 5.500 anos AP, ao passo que em São Luís, Maranhão, pesquisas recentes evidenciaram sambaquis cerâmicos com datas iniciais em torno de 6.600 anos AP.

A existência de sambaquis cerâmicos em todo o litoral maranhense e a ausência de pesquisas arqueológicas que enfocassem essa temática justificaram a realização de um projeto acadêmico sobre os sambaquis da Ilha de São Luís, Maranhão, no ano de 2005.

Como ponto de partida optou-se por trabalhar em um único sítio arqueológico, denominado de sambaqui do Bacanga. O resultado final das atividades resultou em uma dissertação de mestrado, defendida em 2008, no Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP<sup>2</sup>.

Um dos principais desafios enfrentados nesse trabalho foi a falta de dados arqueológicos prévios que possibilitassem analogias entre os resultados obtidos no Bacanga com outros assentamentos localizados em áreas próximas e com as mesmas características culturais.

Nesse caso, o primeiro passo consistiu na construção de uma cronologia que contribuiu para a interpretação dos processos de ocupação do sítio em questão. De posse das datações, um segundo passo relacionou-se à inserção do sambaqui do Bacanga em uma perspectiva regional.

De fundamental importância foram os dados disponíveis para os sambaquis do Pará, que, entretanto, suscitaram mais questionamentos e encaminhamentos para novas investigações do que estabeleceram um contexto bem fundamentado para explicar a ocorrência de cerâmica nos sambaquis setentrionais.

Este artigo apresenta uma síntese dos resultados alcançados durante a pesquisa realizada no sambaqui do Bacanga, enfocando a inserção do sítio na paisagem, o processo de escavação, a formação do registro arqueológico e a cronologia obtida para a ocupação. Além disso, acompanha o texto uma revisão bibliográfica sobre a ocorrência de cerâmica em sambaquis.

## A CERÂMICA COMO DOCUMENTO ARQUEOLÓGICO E O CONTEXTO DE SEU APARECIMENTO ENTRE AS POPULAÇÕES ANTIGAS

A adoção da cerâmica tem sido frequentemente interpretada como um importante passo para a emergência de

complexidade (Hoopes 1994:2). Quando a produção cerâmica se constitui parte integrante de uma sociedade, apresenta, no campo material, sensíveis singularidades que caracterizam o sistema tecnológico dos grupos humanos. As condições tecnológicas que envolvem a produção cerâmica informam sobre as particularidades de obtenção, manipulação, tratamento e utilização de matérias-primas. Além disso, o processo de manufatura engloba variadas relações sociais e simbólicas com o meio ambiente e o objeto trabalhado. O estudo das formas permite conhecer elementos de caráter tecnológico e funcional, ao passo que a análise dos tratamentos de superfície permite inferir aspectos do universo simbólico, social e estético.

Hoopes e Barnett (1995:4) afirmam que a origem da cerâmica pode ser encontrada em um complexo conjunto de fatores ecológicos, históricos, econômicos e sociais que diferem grandemente entre as sociedades do passado. Rice (1999: 23) chama a atenção para o fato de que caçadores-coletores, ao ocuparem ambientes ricos em recursos, ao final do Pleistoceno, intensificaram a exploração destas regiões, optando pela seleção de produtos protéicos e altamente disponíveis (sementes, furtos do mar, etc), ocasionando uma permanência duradoura nestes ambientes. Esse panorama pode ter proporcionado condições favoráveis ao surgimento da cerâmica.

Em termos temporais, as mudanças climáticas e do nível do mar, no médio Holoceno, entre 7.000 e 4.000 anos AP, ocasionaram transformações em regi-

ões costeiras e ribeirinhas e propiciaram novos habitats para exploração e fixação de populações pescadoras-coletoras-caçadoras, inclusive no Brasil.

Analisando a bibliografia sobre cerâmica antiga, algumas variáveis recorrentes se destacam, a exemplo do contexto de sua ocorrência em assentamentos do tipo sambaquis, localizados em ambientes de baixa altitude, com poucos indícios de sedentarização e ausência de agricultura, mas caracterizados por dieta baseada na pesca e coleta de moluscos, crustáceos, sementes e frutas, e, em menor grau, da caça (Schiffer & Skibo 1987:595; Hoopes & Barnett 1995:9; Rice 1999:8; Loney 2000:660). Rice (1999:12) propõe algumas hipóteses para o surgimento da cerâmica em diversos contextos:

- Os sítios com cerâmica antiga situam-se em áreas chuvosas e úmidas tropicais ou subtropicais, em altitudes de cerca de 38°. Uma característica comum é que a cerâmica é encontrada em ambientes costeiro e/ou estuarino, em baixos e médios cursos de sistemas ribeirinhos maiores;
- Os ambientes apresentam baixa altitude (entre a latitude de 23°27' norte e sul) e exibem uma variedade de ecossistemas, com menor variação sazonal devido a pouca oscilação da temperatura e ao regime regular de chuvas. Áreas costeiras possuem alta energia e demonstram uma variedade biótica muito produtiva para a exploração humana. Além disso, tais regiões são fontes de grande biomassa, com sazonalidade relativamente reduzi-

da e ampla diversidade de recursos, principalmente os aquáticos, que incluem peixes, crustáceos, moluscos, além de mamíferos e plantas;

- Com relação aos assentamentos, não apresentam evidências para ocupações sedentárias e permanentes. Em muitas regiões costeiras e ribeirinhas o sistema de assentamento e subsistência está mais associado à coleta e forrageio semi-sedentário de longa duração, com prováveis movimentos sazonais do litoral para o interior.
- Os sítios portadores de cerâmica antiga apresentam vestígios arqueofaunísticos de uma dieta focada na pesca, coleta e caça, com ênfase na exploração dos frutos do mar;
- A maior parte dos assentamentos é caracterizada como sambaquis e apresenta evidência para o cultivo incipiente ou manejo de algumas espécies, do tipo *house garden*.

Sobre as características tecno-tipológicas da cerâmica, os recipientes apresentam formas simples, com técnicas variadas para o tratamento da superfície e acabamento plástico. São realizados com o uso de instrumentos que imprimem marcas na argila antes da queima, a exemplo de concha, madeira, osso, dedo, unha, cipó etc. Os motivos mais comuns são as incisões variadas, pontos, impressões, estampados, marcas de cordas e folhagem.

Maiores detalhes sobre as formas e funções dos artefatos cerâmicos antigos são detalhados por Arnold (1985:21) e Rice (1999:29):

- A cerâmica antiga pode ter apareci-

do (tanto por invenção ou adoção) entre grupos de caçadores-coletores, como parte de uma emergente diferenciação social e com propósitos especiais, associados com acumulação, estocagem, preparo e consumo de alimentos;

- Algumas características partilhadas entre as cerâmicas antigas são as formas simples, largas e profundas, no formato de bacias, potes com gargalos, pratos cilíndricos ou retangulares com base plana;
- Os contornos são descritos como simples e os recipientes são relativamente pequenos, com diâmetro medindo entre 15 e 30 cm e as paredes apresentam espessuras variadas;
- A pasta, muitas vezes, possui material vegetal, animal e mineral, incluindo cascas de árvores, conchas e minerais;
- As superfícies externas apresentam tratamentos diversos, tanto para potencializar o desempenho do recipiente, como para adorná-los. Esses elementos criam áreas alisadas ou com texturas, como o escovado, incisão, pontos e impressões, sendo raras as pinturas.

#### OS SAMBAQUIS DO LITORAL EQUATORIAL AMAZÔNICO: UM PONTO DISCUTÍVEL NA ARQUEOLOGIA AMERICANA

Os sambaquis do litoral equatorial amazônico oferecem uma grande e variável amostra de sítios para as pesquisas arqueológicas na atualidade. Esses assentamentos se localizam por toda a zona costeira e estuarina do norte do Brasil (costa do Amapá, litoral do

Salgado, arquipélago de Marajó, baixo Amazonas, litoral de rias maranhenses e golfão maranhense).

A existência desses sítios colocou em cheque a idéia da precedência dos Andes como berço de inovações tecnológicas e culturais, a exemplo da agricultura e da cerâmica na América do Sul. Essa premissa vem perdendo sustentação, pois as evidências arqueológicas encontradas nos sambaquis amazônicos demonstram a existência aqui das cerâmicas mais antigas entre todos os grupos humanos do continente americano. Dentre esses, a cerâmica do sambaqui da Taperinha, pesquisado por Anna Roosevelt e colaboradores (Roosevelt et al. 1991:1621) surgiu como a mais antiga das Américas. Lá, a ocupação cerâmica ficou situada entre 7.000 a 6.000 anos AP, com base em 12 datações radiocarbônicas realizadas em amostras de carvão e conchas que serviram de antiplástico para a cerâmica, sendo também realizada uma datação da cerâmica por termoluminescência (Roosevelt 1992:63).

Apesar desses resultados, persistem em muitos meios as premissas defendidas por Betty Meggers (1977), de que complexidade cultural não poderia ser esperada no interior da Amazônia. Assim, a história cultural dessa região estaria atrelada aos povos andinos, responsáveis pelas inovações culturais observadas, a exemplo da sedentarização, cerâmica e agricultura.

Um panorama distinto é fornecido por Eduardo Neves (2001:45), que afirmou que uma grande parte da arqueologia feita na Amazônia permaneceu enraizada sob influências monocausais ou pos-

sibilísticas, pautada no determinismo, primeiramente apresentado no *Handbook of South American Indians*, com forte influência da ecologia cultural norte-americana e do determinismo ecológico (Neves 1999/2000: 89). Nesse caso, as linhas teóricas eram desenvolvidas no âmbito do neo-evolucionismo, com o uso de modelos explicativos para interpretar os vestígios arqueológicos. Essa perspectiva vem sofrendo um processo geral de revisão por parte de uma nova geração de pesquisadores alinhados com outras perspectivas teóricas e metodológicas. Atualmente, muitos estudiosos da Amazônia defendem outras leituras interpretativas para o registro arqueológico, através da desmistificação dos principais fundamentos da ecologia cultural e do determinismo ambiental e com a realização de escavações sistemáticas, com problemas de pesquisa bem orientados em construções cronológicas consistentes e no estabelecimento de um contexto espaço-temporal para os assentamentos.

Roosevelt (1991:113) afirma que o conhecimento atual sobre a pré-história da Amazônia indica uma longa e complexa seqüência de ocupação, sem nenhum sinal de retardamento devido a limitações impostas pelo meio ambiente. As populações da região, longe de serem culturalmente atrasadas e de sempre terem recebido influências externas desenvolveram importantes inovações culturais que mais tarde se observariam pelo Novo Mundo.

Durante a pré-história tardia, sociedades complexas e densas, de origem local, desenvolveram-se em todas as áreas

ricas em nutrientes que já foram estudadas por arqueólogos. Tais áreas suportaram muito cedo forrageio intensivo e, por volta de 7.200 anos AP, no início do Holoceno, desenvolveram-se ali as sociedades ceramistas mais antigas do Novo Mundo, que subsistiam de uma economia de coleta aquática intensiva, três mil anos antes de a cerâmica aparecer no seio das civilizações do continente americano (Roosevelt 1991:113).

Em suma, novas abordagens interpretativas vêm atualizando o debate acerca da arqueologia das terras baixas da América do Sul, buscando enfoques teóricos variados e outras perspectivas metodológicas, bem como confrontando os modelos tradicionais de explicação da ocupação humana na Amazônia com outras abordagens explicativas, muitas vezes auxiliadas por novas tecnologias aplicadas ao estudo do passado.

#### ASPECTOS TEMPORAIS E ESPACIAIS DOS SAMBAQUIS CERÂMICOS NO LITORAL EQUATORIAL AMAZÔNICO

Uma revisão dos registros dos sítios e das datações radiocarbônicas realizada por Roosevelt (1995:117) demonstrou que por mais de 25 anos o leste da América do Sul produziu as evidências mais numerosas e as cronologias mais consistentes para a ocorrência de cerâmica antiga no continente americano. Entretanto, apesar da autora apontar a existência de cerâmica antiga em vários sítios das terras baixas tropicais, particularmente em sambaquis, inclusive com idades em torno de 7.000 anos AP. (Roosevelt 1992:62), poucos arqueólogos problematizaram acerca do

aparecimento desse vestígio no registro arqueológico.

Contrariamente à própria premissa inicial de Meggers (1977), escavações realizadas em meados de 1950, em sambaquis da Guiana e Equador, já forneciam indícios de uma manufatura bastante antiga para cerâmica nas terras baixas da América do Sul. Até a década de 1970, Meggers explicava a cerâmica antiga como advinda de pescadores que navegaram desde o Japão, onde existe até o momento a cerâmica mais antiga do mundo. Segundo essa hipótese, a introdução desses artefatos se deu através de populações conhecedoras da manufatura da cerâmica que naufragaram no continente sul-americano. Apoiaram essa assertiva as similaridades dos tipos cerâmicos dos sambaquis do norte América do Sul (especialmente Valdívia) com o tipo Jomon Médio japonês. Com relação a outros sambaquis, Meggers explicou a ocorrência de cerâmica antiga pelo contato de populações ceramistas mais avançadas com acampamentos de caçadores-coletores pré-históricos tardios.

O desenvolvimento de novas pesquisas, inclusive com a descoberta de cerâmica antiga nos sambaquis do Pará por pesquisadores ligados à Meggers fez com que essa pesquisadora reconsiderasse suas interpretações para avaliar a disponibilidade de complexos cerâmicos com datas anteriores a 2.800 anos a.C. na região amazônica. Assim, a autora apontou ocorrências de tipos cerâmicos mais antigos na Costa do Equador, a exemplo de *Valdivia*, com 50 datações de C<sup>14</sup> para sete sítios, sem hiato

cronológico, que vai de  $5.620 \pm 256$  a  $4.300 \pm 100$  AP (Meggers 1997:13).

Meggers apresentou também outros dados para a costa norte da Colômbia, compostos por várias fases cerâmicas, com prioridade da *San Jacinto*, estabelecida por  $C^{14}$  em um sítio, que vai de  $5.940 \pm 80$  a  $5.665 \pm 75$  A.P. até  $5.090 \pm 80$  A. P., quando *San Jacinto* é substituída por *Puerto Hormiga* (Meggers 1997:15).

No Pará, o estabelecimento de um contexto arqueológico para a cerâmica em sambaquis se deu de forma turbulenta, inclusive com acusações de manipulação de dados arqueológicos e omissão de datas radiocarbônicas mais antigas, além da pouca divulgação dos resultados (Hoopes 1994:14, Roosevelt 1995:118).

Através dos dados obtidos em 62 sítios arqueológicos, dos quais quarenta e três (43) eram sambaquis litorâneos, três (3) eram sambaquis de gastrópodes fluviais e dezesseis (16) eram sítios cerâmicos a céu aberto, Simões (1981:78) estabeleceu a fase ceramista Mina<sup>3</sup>, que posteriormente foi interpretada como uma tradição regional, a partir das correlações com outros complexos cerâmicos, como a fase Alaka, Castália e Peripiri.

Além disso, foram propostas cinco fases arqueológicas obtidas em sítios cerâmicos com supostas correlações culturais com a cerâmica Mina: *Mina* para alguns sambaquis cerâmicos, *Urúá* para os sambaquis com gastrópodes fluviais e *Areião*, *Tucumã* e *Marudá* para os sítios cerâmicos não sambaquis (Simões 1978:3). Nesse quadro, a antiguidade da cerâmica nos sambaquis do litoral setentrional ficou estabele-

cida através de datações em  $C^{14}$  que a situou entre 5.000 a 3.600 anos AP (Simões 1981:1).

A cerâmica Mina foi estabelecida primeiramente a partir de um padrão similar de tipos cerâmicos encontrados em 43 sambaquis cerâmicos do litoral do Salgado, Pará, dos quais dois sítios, Porto da Mina (PA-SA-5) e Ponta das Pedras (PA-SA-6) foram escavados e forneceram documentação empírica para a construção de tipologias e cronologias relativas e absolutas. Ambos os sítios, denominados de sambaquis testemunhos, assentavam-se sobre terreno areno-argiloso com concreções lateríticas, sendo que o Porto da Mina apresentou em dois cortes estratigráficos, nos flancos sudoeste e sudeste uma estratigrafia bem visível, com camadas praticamente horizontais e espessura variável que continham conchas, ossos de animais, tenazes de crustáceos, fragmentos de cerâmicas, nódulos de laterita e de terra, separadas por camadas mais delgadas e compactas de valvas calcinadas de *Mytella sp.* e *Anomalocardia brasilliana* (Simões 1981:11).

Simões caracterizou a cerâmica como utilitária, de formas simples, de manufatura acordelada, temperada com conchas moídas (*Mina simples*) e areia (*Tijuco simples*), de tamanho pequeno, com contorno arredondado, base plana, bordas diretas inclinadas ou extrovertidas, com lábio plano ou arredondado (Simões 1981: 13). Para a construção dessa tipologia foram analisados e classificados 64.332 fragmentos cerâmicos, dos quais 38.428 foram obtidos das escavações estratigráficas e 28.904 de co-

letas superficiais e prospecções. O tratamento de superfície foi caracterizado pelo banho vermelho (*Mina vermelbo*), seguido por escovado (*Mina escovado*), raspado (*Mina raspado*), roletes não-obliterados (*Mina roletado*) e inciso incipiente (*Mina inciso*) (Simões 1981:14).

Os resultados mais surpreendentes foram as datações para esses sambaquis. Cronologias relativamente antigas já estavam sendo alcançadas para sítios semelhantes em outras partes da América. O próprio Simões (1981:8) comparou seus dados com os de outros complexos cerâmicos:

“Pesquisas arqueológicas efetuadas nos últimos 20 anos no Panamá (Willey & McGimsey 1954), Equador (Meggers et al. 1965), Colômbia (Reichel Dolmattof 1955, 1965), Venezuela (Rouse & Cruxent 1963), Guiana (Evans & Meggers 1960) e Brasil (Calderón 1964, Simões 1973), vêm revelando a presença de sambaquis cerâmicos nas áreas costeiras do sul da América central, noro-

este, norte, nordeste e leste da América do Sul, com idades compreendidas, com raras exceções, entre o sexto e terceiro milênios antes do presente”.

As primeiras datações para os sambaquis do Pará foram obtidas de carvões retirados de fogueiras nos dois sítios testemunhos e encaminhadas ao laboratório Krieger-Massachusetts (EUA), que apresentou uma idade de  $3.165 \pm 195$  a.C. (Gx 2.472) para o Porto da Mina e  $1.540 \pm 195$  a. C. (Gx 2474) para o sambaqui Ponta das Pedras (Simões 1981:17). Por precaução, outras amostras de carvão foram datadas no laboratório de Geocronologia do Smithsonian Institution (EUA), sendo confirmadas as idades anteriores, como observado nos quadros 1 e 2.

Assim, a manufatura cerâmica na costa paraense ficou situada entre o quarto e o segundo milênios antes de Cristo. As semelhanças nos padrões de assentamento, subsistência e características da cerâmica levaram Simões (1981:20) a postular a existência de uma tradição regional ceramista para uma faixa li-

Quadro 1- Cronologia do sambaqui Porto da Mina (PA-SA-5)

Lab. Nº	Nível	Amostra	Datação C <sup>14</sup> (AP) Não calibrada
GX 2472	120-140 cm	Carvão	5.115±195
GX 2473	300-320 cm	Carvão	4.340±235
SI 1035	60-80 cm	Carvão	4.610 ±55
SI 1036	180-200 cm	Carvão	5.070±95
SI 1037	220-240 cm	Carvão	4.750±65
SI 1038	280-300 cm	Carvão	5.045±95
SI 2543	60-80 cm	Concha	4.740±80
SI 2544	68-80 cm	Concha	4.380±80
SI 2545	180-200 cm	Concha	4.695±80
SI 2546	180-200 cm	Concha	5.050±85

Adaptado de Gaspar & Imázio (2000:251).

**Quadro 2 - Cronologia do sambaqui Ponta das Pedras (PA-SA-6)**

Lab. Nº	Nível	Amostra	Datação C <sup>14</sup> (AP) Não calibrada
SI 1030	40-60 cm	Carvão	4.500±90
SI 1031	60-80 cm	Carvão	4.090 ±95
GX 2474	80-100 cm	Concha	3.490±195

Adaptado de Gaspar & Imázio (2000: 252).

torânea ainda maior, compreendendo outros países da América do Sul, bem como o Maranhão e a Bahia.

#### AS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS DA CERÂMICA MINA NA LITERATURA ARQUEOLÓGICA

Em sua tese de doutoramento, *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*, José Proenza Brochado (1984) se utilizou dos dados de Simões para construir seu modelo de difusão e dispersão da cerâmica por várias partes do território brasileiro. Os traços característicos diretos e indiretos da cerâmica Mina, segundo Brochado (op. cit.:90) expandiram-se, e muitos tipos cerâmicos subsequentes tiveram seu foco de origem associado a essa tradição.

Brochado se valeu das cronologias para a Amazônia, até então disponíveis, para propor, juntamente com Donald Lathrap, a hipótese de que todas as cerâmicas das terras baixas da América do Sul seriam oriundas de uma única tradição ceramista, extremamente simples. As datas iniciais anteriores a 3.000 a.C. para Mina indicariam a existência de uma cerâmica ainda mais antiga e mais simples, que teria surgido em torno de 5.000 a.C., provavelmente localizada na confluência dos cursos fluviais da América do Sul, na Amazônia Central.

Brochado (1984:91) propôs ainda que a cerâmica Periperi (no Recôncavo Baiano), pouco descrita por Simões, seria a mesma da tradição Mina, representando uma continuação mais tardia e que, aparentemente, moveu-se para o centro da costa brasileira, por volta de 700 a 1.000 a.C. A existência da cerâmica Mina, para Brochado (1984:201), parecia indicar um tipo de adaptação marítima em área de manguezais, tendo como atividade predominante a coleta de moluscos e frutos de palmeiras, que derivariam do mesmo tipo de adaptação encontrada até 4.000 a.C. próxima à foz do Amazonas e no Maranhão e que se difundiram pelas praias costeiras do nordeste em direção à Bahia.

O modelo difusionista proposto por Simões e Brochado para a dispersão da cerâmica pela costa da América do Sul encontra-se em constante revisão, dada a emergência de novos dados empíricos, do refinamento das datações absolutas e das mudanças de perspectivas teóricas e metodológicas no estudo da arqueologia amazônica.

Os modelos difusionistas predizem que complexos cerâmicos antigos assemelham-se uns com os outros, num primeiro momento, e depois divergem através dos tempos (Hoopes 1994:25). Entretanto, análises comparativas revelam substancial variabilidade, mesmo nos pe-

riódos mais antigos. A heterogeneidade entre os complexos cerâmicos mais antigos aponta vários lugares para a evolução independente da produção cerâmica na América, inclusive nas terras baixas.

As críticas de Hoopes (1994:42) à abordagem difusionista estenderam-se aos trabalhos de Meggers, Evans e Lathrap, e estimularam uma reavaliação das cronologias para cerâmica antiga no continente americano, devido à emergência de recentes resultados, a exemplo da datação de 6.000 anos a.C. para o baixo Amazonas. Nesse contexto, o que tem emergido, nos últimos 25 anos de pesquisas em sociedades produtoras de cerâmica antiga, é um quadro de enorme variabilidade cultural. O crescimento das informações em seqüências regionais específicas, a criação de modelos para relacionar estilos cerâmicos e identidades locais, práticas culturais e trajetórias históricas específicas têm eclipsado as hipóteses que buscam ex-

plicar como padrões culturais se difundiram para fora de um centro comum, fazendo com que o valor de modelos explanatórios amplos decline significativamente (Hoopes 1994: 4).

Pesquisas realizadas por Roosevelt também apresentaram datações bastante antigas para a ocorrência de cerâmica na Amazônia. Suas investigações em Taperinha e Pedra Pintada têm resultado na descoberta dos conjuntos cerâmicos mais antigos das Américas. O quadro 3 reproduz a cronologia obtida para o sambaqui da Taperinha.

A cerâmica de Taperinha foi descrita a partir de raros fragmentos avermelhados com tempero de saibro, cujas formas resumem-se em cuias abertas, de base arredondada e bordas cônicas, arredondas e quadradas; e cerca de 3% da cerâmica apresentou incisões curvilíneas e retilíneas nas bordas (Roosevelt 1992:63).

**Quadro 3 - Cronologia do sambaqui Taperinha**

Lab. N°	Camada	Amostra	Datação C <sup>14</sup> (AP) Não calibrada
GX 12844	-----	Concha	5.705±80
OxA 1540	8B	Concha	6.300± 90
OxA 1541	10	Carvão	6.860 ± 100
OxA 1542	10	Concha	7010± 90
OxA 1760	10 F2	Carvão	6.880 ±80
OxA 1543	10 F2	Carvão	6.930 ± 80
OxA 1544	10 F2	Carvão	6.980± 80
OxA 1545	10 F2	Concha	7.000± 80
OxA 2431	12 base	Cerâmica	6.590± 100
OxA 2432	12 base	Cerâmica	6.640± 80
OxA 1546	13 topo	Concha	7.090± 80
OxA 1547	13 topo	Concha	7.080± 80

Adaptado de Gaspar & Imázio (2000:253).

No sítio Pedra Pintada, a cerâmica temperada com areia é similar aos fragmentos de Taperinha, em sua forma hemisférica ou *tecomate* e decoração incisa e ponteadada, mas com uma decoração ampla e profunda, aparentemente feita com um grande instrumento para incisão e raras bordas carregadas e uma faixa horizontal vermelha e espessa exteriormente (Roosevelt 1995:127).

A perspectiva de um dos centros mais antigos de produção cerâmica da América se localizar em terras baixas tropicais é contestada por Meggers (1997:27), que classifica a cerâmica de Taperinha como um complexo problemático. A autora afirma que as fotografias dos fragmentos cerâmicos publicadas em 1995 eram substancialmente diferentes das representações gráficas apresentados na mesma obra por Roosevelt. Além disso, Meggers aponta falhas no perfil estratigráfico, pois algumas datas não corresponderiam às camadas indicadas (Meggers 1997:28).

Esses novos achados não devem ser vistos com estranheza, pois, segundo Roosevelt (1995:128), não existe intervalo temporal entre os sambaquis cerâmicos do noroeste da América do Sul, com datas entre 6.000 e 3.000 anos AP, e os sambaquis cerâmicos do Baixo Amazonas, com datas entre 7.500 e 4.000 AP.

#### A PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SAMBAQUI DO BACANGA

Diferentemente de outros Estados, o Maranhão não dispõe de informação arqueológica suficiente para compor um quadro mínimo sobre as ocupações pré-coloniais de seu território.

Este cenário se torna mais desolador quando se percebe a escassez de conhecimento referente ao período anterior ao contato com os europeus, fruto de um número ínfimo de profissionais envolvidos em pesquisas arqueológicas no Estado (Bandeira 2003:8).

Os dados mais sistemáticos sobre a história pré-colonial do Maranhão foram obtidos por Simões e equipe que, com o patrocínio do Museu Paraense Emílio Goeldi e o apoio do IPHAN, realizaram o *Projeto São Luís*, entre novembro e dezembro de 1971 (Simões 1971:1). O objetivo desse projeto era correlacionar os sambaquis da Ilha de São Luís com aqueles do litoral leste brasileiro e paraense (Simões 1975b:2). Além disso, esse pesquisador considerava que os trabalhos nos sítios maranhenses forneceriam subsídios para correlação cultural e cronológica entre os sambaquis filiados à tradição Mina. Durante a execução do Projeto São Luís foram localizados e pesquisados oito sambaquis, dos quais apenas dois, Maiobinha e Guaíba, não haviam sido destruídos. Esses dois foram escavados estratigraficamente, enquanto os demais, com apenas delgada camada residual foram prospectados (levantamento topográfico e coleta de amostragem superficial) (Simões 1975a:1, 1975b:2). Quatro datas foram obtidas para o sambaqui da Maiobinha conforme demonstrado no quadro 4.

Foi a partir dos referenciais supracitados que se desenvolveu o projeto de pesquisa no sambaqui do Bacanga. Os itens que se seguem enfocarão aspectos relacionados com a inserção do sítio na

**Quadro 4 - Cronologia do sambaqui Maiobinha**

Lab. Nº	Nível	Amostra	Datação C <sup>14</sup> (AP) Não calibrada
SI 2759	45-60 cm	Carvão	1.245±95
SI 2760	105-120 cm	Carvão	1.405±70
SI 4064	45-60 cm	Carvão	1.865±130
SI 4065	75-90 cm	Carvão	2.090 ±80

Adaptado de Gaspar & Imázio (2000:253).

paisagem, o processo de escavação, a formação do registro arqueológico e a cronologia.

O sambaqui do Bacanga situa-se às margens do rio de mesmo nome e está protegido pelos limites de uma unidade de conservação denominada de Parque Estadual do Bacanga. Com relação à situação geográfica, está inserido na região norte do estado do Maranhão, ocupando a área centro-oeste da ilha de São Luís e parte da zona central do município de São Luís.

O sítio situa-se a 2°34'41.1" de latitude sul e 44°16'53.1" de longitude oeste. Possui elevação de cerca de 29 metros acima do nível do mar e dista 1 km do curso atual do rio Bacanga. O perímetro do sítio está estimado em 183m<sup>2</sup> e a profundidade da camada arqueológica chega a 2 metros nas áreas mais altas.

Para a área estudada aponta-se a existência de um pacote sedimentar formador da ilha de São Luís, depositado a partir do Cretáceo Inferior sobre o embasamento cristalino e sedimentos pré-silurianos. Predominam arenitos inconsolidados de cores variadas, intercalados por leitos calcários, argilitos e siltitos em fácies localizadas, típicos da formação Barreiras (Plano de Manejo Parque Estadual do Bacanga 1992:16).

O grupo Barreiras é caracterizado por sedimentos pouco consolidados argilosos e arenosos, às vezes conglomeráticos. Ao grupo Barreiras sobrepõem-se comumente areias e argilas inconsolidadas, depósitos fluviais, areias das praias litorâneas, depósitos de mangue, além de blocos desagregados de arenito ferruginoso oriundos, provavelmente, das camadas do grupo Barreiras (Francisco et. al. 1966, Francisco & Loewenstein 1968:37).

Destaca-se na área do sambaqui do Bacanga uma exuberante floresta de manguezais, que, segundo Ab'Sáber (2003:57), foi constituída no regresso das águas que posteriormente, no *optimum climático*, alcançaram alguns metros acima do mar atual (6.000 a 5.500 anos AP), com ocorrência de espécies como o mangue vermelho (*Rhizophora*), siriúba (*Avicennia*) e tinteira (*Laquncularia*). A fauna da região é bastante variada, principalmente em termos de espécies aquáticas.

As atividades de campo foram realizadas em três etapas, que em conjunto representaram a primeira campanha arqueológica no sambaqui do Bacanga. Entre o reconhecimento da área, levantamento topográfico e escavações arqueológicas somaram-se 150 dias de pesquisa empírica de campo, nos

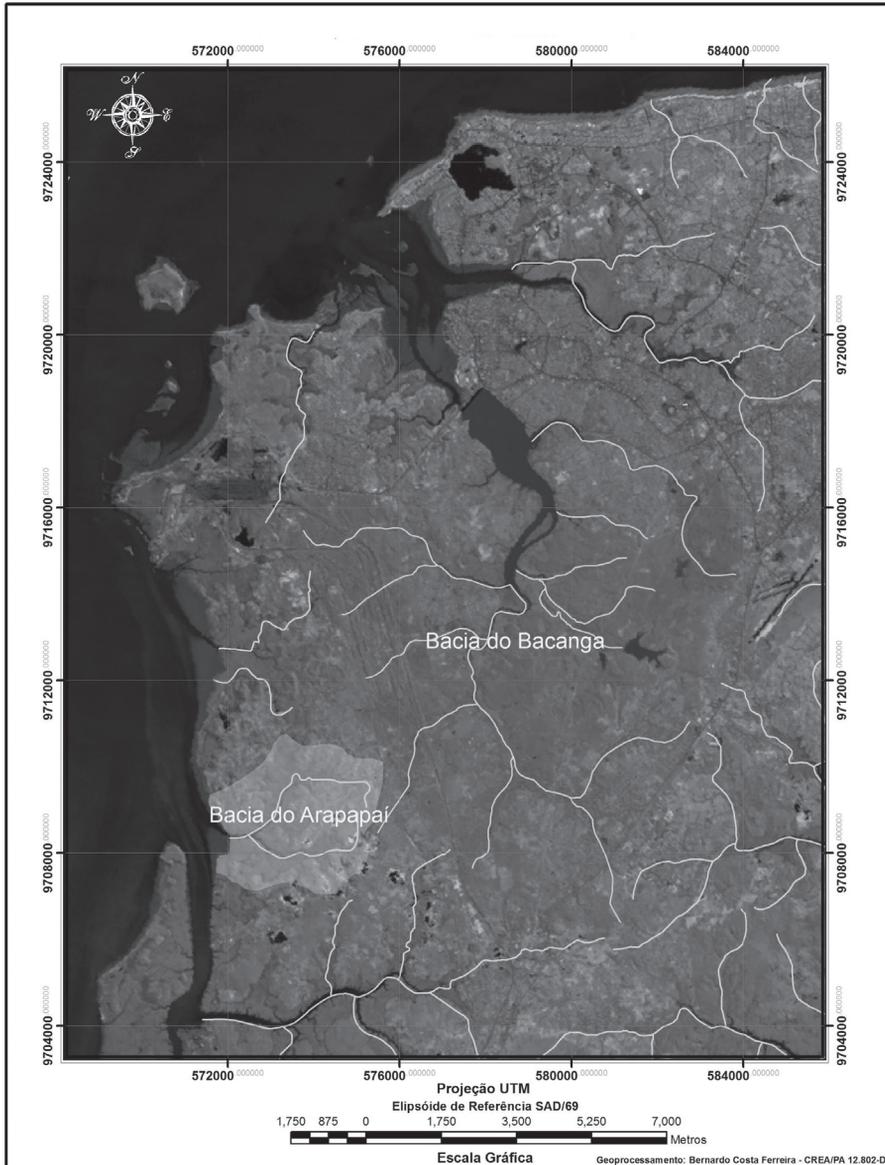


Figura 1 - Imagem da área de estudo



Figura 2 - Localização da ilha de São Luís e alguns sambaquis citados no artigo.

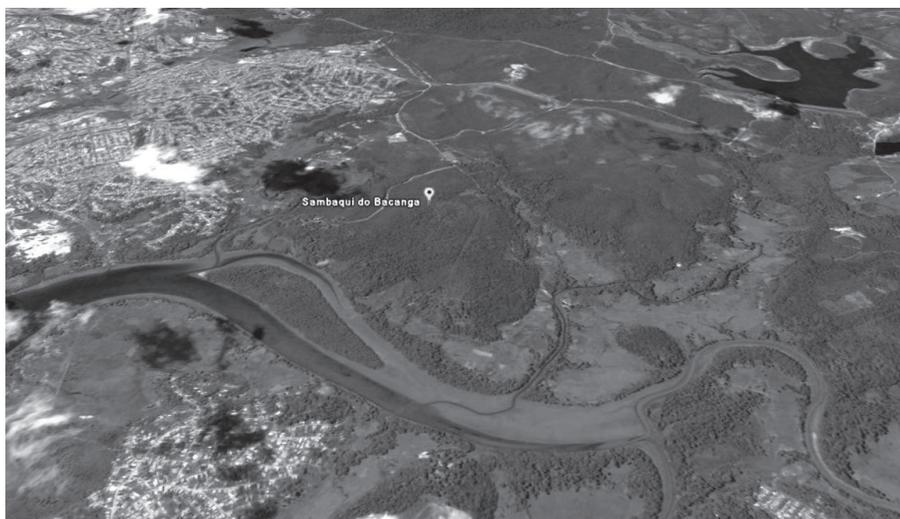


Figura 3 - Sambaqui do Bacanga e sua inserção na paisagem.

anos de 2006 e 2007. Para evidenciação da documentação arqueológica optou-se pelo método de escavação em superfícies amplas, com decapagens por camadas naturais, tanto para realização dos perfis estratigráficos e da trincheira exploratória, como também para a exploração horizontal dos vestígios e estruturas arqueológicas. Neste sentido a realização dos perfis favoreceu a visualização das camadas e a sua sucessão vertical, a partir da coloração do sedimento, composição e natureza dos vestígios arqueológicos, caracterizando com isso os processos de formação desse assentamento.

A trincheira exploratória foi utilizada para a evidenciação dos vestígios arqueológicos e das estruturas do sítio, em uma ampla superfície, bem como para detecção de alterações no processo de formação das camadas em uma perspectiva horizontal.

Na realização das decapagens os vestígios arqueológicos permaneceram *in loco* para mapeamento e documentação fotográfica, sendo posteriormente recolhidos, embalados e identificados de acordo com o setor de proveniência.



Figura 4 - Vista geral do perfil 1 (foto: Arkley Bandeira).

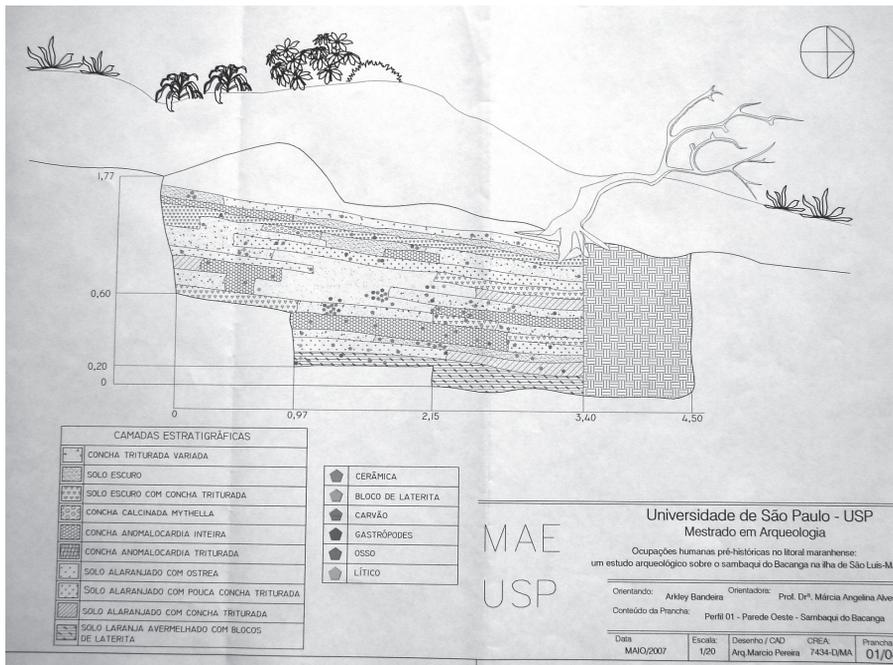


Figura 5 - Estratigrafia do perfil 1.

Os procedimentos expostos anteriormente foram realizados em quatro setores do Bacanga, como demonstrado no quadro 5.

A escavação do Bacanga confirmou a principal hipótese de pesquisa, que versava sobre a ocorrência de cerâmica no registro arqueológico. Neste sentido, a estratigrafia de dois setores do sambaqui do Bacanga confirmaram a existência de cerâmica em todas as camadas arqueológicas do sítio. Além disso, os setores trabalhados forneceram um número significativo de testemunhos arqueológicos, com uma ocorrência predominantemente de fragmentos cerâmicos, bem como de vestígios zoológicos e material lítico.

Em termos verticais, as escavações foram efetuadas até o solo arqueologica-

mente estéril, permitindo a evidência dos testemunhos materiais remanescentes da chegada, permanência, desenvolvimento e abandono desse assentamento por populações pescadoras-coletoras-caçadoras.

## A CRONOLOGIA DO SAMBAQUI DO BACANGA

O procedimento utilizado na construção da cronologia do sambaqui do Bacanga consistiu na escolha de dois setores do sítio para coleta de diferentes tipos de amostras para realização de datações. As técnicas utilizadas foram: (a) absorção de CO<sub>2</sub> para estabelecimento de Carbono 14 para sete amostras de conchas e (b) termoluminescência e luminescência opticamente estimulada para oito amostras



Figura 6 - Vista geral da trincheira exploratória (foto: Arkley Bandeira).

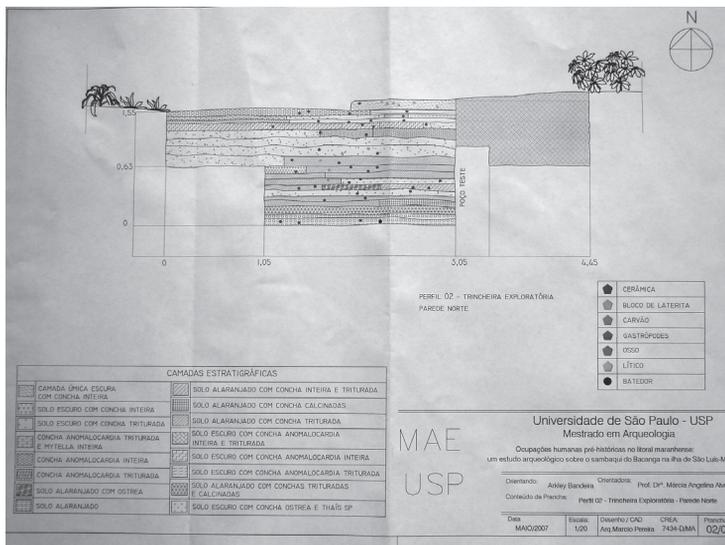


Figura 7 - Estratigrafia da trincheira exploratória.

**Quadro 5 - Setores escavados no sambaqui do Bacanga**

Sector da escavação	Cota altimétrica	Extensão da escavação	Profundidade
Área de escavação 1	74m	20 m <sup>2</sup>	0,50 m
Trincheira exploratória	72m	16 m <sup>2</sup>	1,75 m
Perfil 1	72m	4,45 m <sup>2</sup>	1,77 m
Perfil 2	70m	3,0 m <sup>2</sup>	0,60 m

de cerâmica, totalizando 15 elementos datados. O quadro 6 apresenta a cronologia obtida para o sítio.

A cronologia do Bacanga atestou uma ocupação inicial da área em torno de 6.600 anos AP, que se estendeu até o ano 900 AP, momento em que o sambaqui do Bacanga foi abandonado. Como pode ser visto no quadro 6, a idade mais antiga foi obtida para o assentamento cerâmico pré-sambaqui, em sua camada mais profunda, enquanto que a idade mais recente foi obtida para a camada mais superficial. Além disso, a cronologia também estabeleceu diferenciações temporais entre as duas áreas onde foram coletadas amostras para datação: perfil 1 e trincheira exploratória.

No que concerne ao período de ocupação sambaqui do Bacanga, as datações do perfil 1 revelaram que o episódio inicial se situou em torno de 4.800 anos AP, e o período de abandono se deu por volta de 1.080 anos AP. Já para a trincheira exploratória obteve-se como idade mais recuada 3.800 anos AP e a mais recente 900 AP.

Com relação ao assentamento cerâmico pré-sambaqui, foi na trincheira exploratória que se coletou material relacionado a esse período de ocupação da área. Dessa forma, os resultados obtidos para a ocupação ceramista pré-

sambaqui ficaram estabelecidos entre 6.600 anos AP até 5.800 AP.

A cronologia também corrobora os dados de outras pesquisas, ao atestar que a cerâmica que estava presente ininterruptamente em todas as camadas que compõem a estratigrafia do sambaqui do Bacanga, inclusive nas mais profundas, teriam uma idade bastante recuada, como nos sambaquis do Pará.

Dessa forma, os processos iniciais de ocupação e fixação humanos da área situaram-se em torno de 6.600 anos AP, até o período de abandono final do sambaqui, no ano 900 AP, não sendo observados elementos que possibilitassem afirmar sobre períodos de abandono do sítio durante esse intervalo de tempo.

#### OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO

Em relação aos aspectos de formação do sambaqui do Bacanga percebem-se claramente dois episódios distintos de ocupação: em um primeiro momento, grupos humanos chegaram ao território do atual sambaqui do Bacanga, já conhecendo a manufatura da cerâmica e com uma subsistência pouco dependente dos recursos aquáticos, algo entre 6.600 anos AP até 5.800 anos AP.

Outro processo mais tardio de ocupação é caracterizado pelo acúmulo intencio-

**Quadro 6 - Cronologia do sambaqui do Bacanga**

Nº Lab.	Sector/ profundidade	Amostra	Tipo de datação	Idade (BP) Não calibrada
Fatec-1835	TE/1,75-1,60m	Cerâmica	TL	6.600±1.400 BP
Fatec-1836	TE/1,47-1,37m	Cerâmica	TL	5.800±1.100 BP
Fatec-1837	P1/1,77-1,47m	Cerâmica	TL	4.800±1.100 BP
Fatec-1838	P1/1,47-1,37m	Cerâmica	TL	4.100±1.000 BP
Fatec-1839	P1/1,37-1,30m	Cerâmica	TL	3.900±1.000 BP
Fatec-1840	TE/1,37-1,30m	Cerâmica	TL	3.800±800 BP
Fatec-1841	P1/1,30-1,22m	Cerâmica	TL	3.500±800 BP
IRD-001	TE/1,22-1,13m	Concha	C <sup>14</sup>	2.430±200 BP
Fatec-1842	P1/1,17,1,11m	Cerâmica	TL	2.100±500 BP
IRD-002	TE/97-88cm	Concha	C <sup>14</sup>	2.070±200 BP
IRD-003	P1/101-58cm	Concha	C <sup>14</sup>	1.940±200 BP
IRD-004	TE/57-46cm	Concha	C <sup>14</sup>	1.830±200 BP
IRD-005	P1/51-44cm	Concha	C <sup>14</sup>	1.480±200 BP
IRD-006	P1/26-17cm	Concha	C <sup>14</sup>	1.080±200 BP
IRD-007	TE/30-18cm	Concha	C <sup>14</sup>	900±200 BP

nal de restos alimentares, principalmente conchas e ossos de peixes, além de bens materiais na área de moradia. A manufatura cerâmica persistiu e a subsistência foi assegurada pela exploração de recursos aquáticos e em menor grau a caça.

Pelos dados cronológicos é após 5.800 AP que se iniciou a ocupação sambaquieira, com suas características clássicas: acúmulo de restos alimentares e de cultura material na área de habitação, bem como a associação de vestígios que indicaram a existência de várias atividades concentradas no espaço doméstico.

Entre 4.800 até 1.830 anos AP o sambaqui do Bacanga foi plenamente ocupado e os vestígios materiais atestaram uma dieta pautada na pesca e na coleta de frutos do mar, o que favoreceu a fixação mais duradoura nessa área. Além disso, a quantidade de vestígios cerâmicos, líticos e ósseos também contribuiu para visualização de um assentamento estável onde

as atividades transcorriam sem maiores dificuldades. Por fim, entre 1.480 e 900 anos AP foi iniciado um processo de abandono da área. As camadas formadas por restos alimentares começaram a desaparecer, a cerâmica tornou-se menos freqüente e as estruturas de fogueira e de habitação não foram mais observadas. Cabe ressaltar a existência de um contexto inédito e que não encontrou paralelo na bibliografia consultada. Trata-se da existência do assentamento cerâmico pré-sambaqui, com vestígios cerâmicos encontrados em camada imediatamente abaixo das camadas de formação do sambaqui. O processo de formação desse assentamento anterior se diferencia sensivelmente do sambaqui do Bacanga, uma vez que a composição das camadas não apresenta vestígios faunísticos associados aos sedimentos.

No assentamento pré-sambaqui os materiais estão depositados em solo

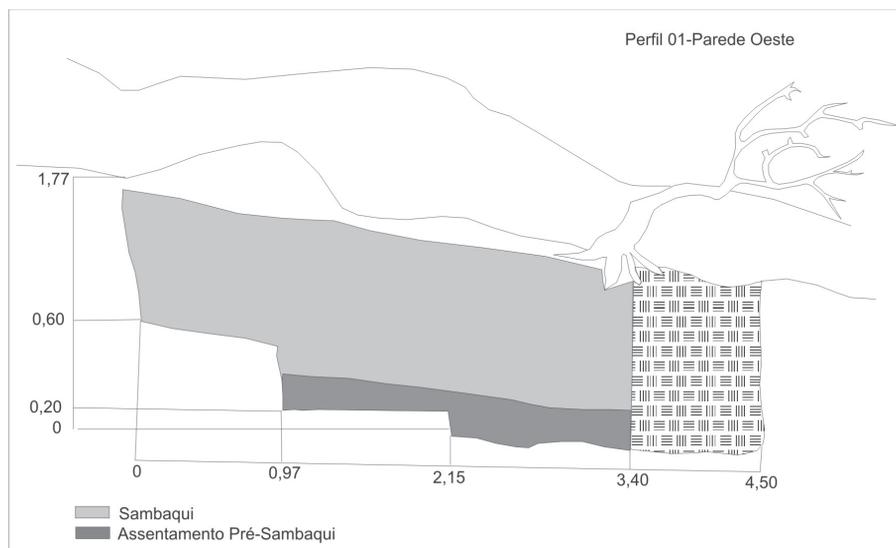


Figura 8 - Estratigrafia da trincheira exploratória.

areno-argiloso de coloração marrom-alaranjado ou laranja-avermelhado, provavelmente da formação Barreiras. Foram observados poucos restos alimentares, uma baixa densidade cerâmica e nenhum artefato lítico. Além disso, foram evidenciados blocos de laterita dispostos intencionalmente em círculos com alguns fragmentos de carvão e cerâmica associados nesse contexto.

A caracterização do assentamento cerâmico pré-sambaqui do Bacanga ainda é incipiente, uma vez que os pesquisadores que se debruçaram sobre os sítios da região não mencionam a existência de indícios humanos anteriores à ocupação sambaqueira. Trata-se, portanto, de um problema de investigação que requer cautela e a observação de outros contextos arqueológicos.

Com relação ao sambaqui do Bacanga, as camadas que compõem a ocupação sambaqueira apresentam uma composição variada, formadas pela ocorrência de lentes de conchas inteiras, fragmentadas e calcinadas de espécies variadas, associadas a sedimentos de diferentes cores. Encontrou-se também associação de vestígios ósseos de vertebrados terrestres e aquáticos, grande quantidade de carvão, blocos de laterita, cerâmica, artefatos em rocha, osso, concha, bem como adornos em estruturas de fogueira e habitação.

No processo de formação dos dois episódios de ocupação percebeu-se que as semelhanças estão associadas, em termos materiais, unicamente com a presença de cerâmica. Contudo, os aspectos formais da cerâmica não serão abordados neste artigo.

Com relação aos fatores que conduziram à mudança nas características de ambos os tipos de assentamentos, acredita-se que o estabelecimento de uma cronologia para a ocupação humana da área não é suficiente para se compreender os processos distintos de ocupação desse sítio. É evidente que mais dados devem ser buscados nas disciplinas envolvidas com o estudo do paleoambiente e na análise quantitativa e qualitativa dos vestígios arqueofaunísticos e florísticos, no intuito de se questionar se mudanças ambientais estão relacionadas com o surgimento dos dois assentamentos humanos distintos que ocuparam o mesmo espaço, em momentos diferenciados. Levantam-se, inclusive, outros questionamentos a respeito dessas ocupações humanas: se correspondem a grupos humanos distintos vivendo no mesmo espaço ou se a diferenciação observada está relacionada a diferentes fatores que levaram um mesmo grupo humano a buscar formas de reorganização dos assentamentos em um mesmo território, através dos tempos. Essas hipóteses estão sendo investigadas pela continuidade do projeto. Até o momento, o que se acredita é que distintos processos de ocupação humana se desenvolveram no território do Bacanga, entre 6.600 e 900 anos AP e que uma produção cerâmica bastante antiga está associada a todos esses episódios.

#### EM BUSCA DE UMA PERSPECTIVA REGIONAL

Em uma perspectiva regional, os dados descritos sugerem que os assentamentos formados pelo acúmulo de con-

chas e outros restos alimentares foram ocupados por populações pescadoras-coletoras-caçadoras, adaptadas a ambientes ribeirinhos, estuarinos e costeiros e que possuíam tecnologia para a manufatura de cerâmica.

Os indícios mais antigos estão localizados no baixo Amazonas, na região de Santarém, com datas chegando até 7.090 anos AP. Esse cenário foi favorecido por um nível mais elevado do mar, entre 8.000 e 6.000 anos AP, que resultou no desenvolvimento de condições lacustres e de estuário no baixo Amazonas e em outros rios que deságuam no Atlântico.

A partir de 5.570 anos AP, populações com cultura material semelhante aos povos de Taperinha iniciaram um processo de colonização em direção ao litoral, ocupando assentamentos bastante parecidos com os do baixo Amazonas e fabricando cerâmica com antiplástico em concha.

Exemplos disso são os sambaquis da região costeira do Pará e Maranhão, onde se inicia um processo de fixação de grupos de pescadores-coletores-caçadores e ceramistas em áreas de praias e estuários, em torno de 5.570 anos AP. Contudo, os assentamentos localizados na ilha de São Luís podem ter sido ocupados há cerca de mil anos antes, a julgar pela cronologia mais antiga obtidas para o assentamento cerâmico pré-sambaqui e sambaqui do Bacanga, que variam entre 6.600 e 5.570 anos AP (Bandeira 2008:157).

Nesse contexto, a evidência arqueológica indica que as primeiras ocupações

para essa região estão bem estabelecidas em torno de 5.500 anos AP, como demonstram as datações dos sambaquis Porto da Mina, Ponta das Pedras, Uruá e Bacanga. Passados os primeiros momentos de ocupação e fixação desses grupos nessa região, sambaquieiros começaram a se multiplicar e muitos assentamentos surgiram entre o litoral paraense e maranhense, com datas em torno de 5.000 a 2.500 anos AP, a exemplo dos sambaquis da Maiobinha e Guaíba. No entanto, os sambaquis mais antigos ainda permaneceram sendo ocupados.

Com relação à cultura material, a produção cerâmica com antiplástico em concha permaneceu sendo manufaturada, constituindo o elemento material mais evidente nesses sítios. A escassez de rocha inibiu uma indústria lítica mais bem trabalhada, sendo comum a presença de batedores, trituradores, quebra-coquinhos e algumas poucas lâminas de machado. A ausência de instrumentos de pedra é compensada por uma indústria em osso, dentes e madeiras, a julgar pela presença significativa de pontas, facas, raspadores, adornos, feitos com esporão de arraias, bagres, vértebras de peixes, dentes de mamíferos e tubarões.

Em torno de 2.500 a 1.200 anos AP, ocupações sambaquieiras expandiram-se em direção ao baixo Xingu e ao litoral do Nordeste, cuja evidência pode ser verificada nas pesquisas sobre os sambaquis Guará I e II (Perota & Botelho 1992: 384), Maiobinha e Pindaí, em São José de Ribamar, na ilha de São Luís (Machado et al. 1991) e Pedra Oca, na Bahia (Calderón 1964: 2).

Entre 1.000 a 750 anos AP, os sambaquis dessa região começaram a ser abandonados, sendo que em alguns sítios, a exemplo do Guará I (Perota & Botelho 1992: 382) e do Uruá esse processo ocorre bem tardiamente, em torno de 550 anos AP. Em outros contextos, como no sambaqui do Bacanga (Bandeira 2008:159) e no Guará II (Perota & Botelho 1992:390), o abandono acontece por volta de 900 a 850 anos AP.

Os motivos que levaram ao desaparecimento dos sambaquis e o conseqüente abandono do ambiente costeiro e estuarino do litoral equatorial amazônico ainda não foram bem investigados. Entretanto, algumas hipóteses já foram levantadas, principalmente para os sambaquis do litoral centro-sul do Brasil.

Lima (1999/2000: 272), que trabalhou com um recorte geográfico que abrange os sambaquis do litoral sudeste-sul, sugeriu que a mudança na ênfase da coleta de moluscos para a pesca intensiva colocou os sambaquieiros em um novo patamar de produtividade e em outro tipo de organização, que podem ter ocasionado o colapso da organização social desses grupos humanos, a julgar pelo desaparecimento dos vestígios arqueológicos característicos para esses assentamentos. Além disso, outros fatores podem ter contribuído para essa situação. Sobre esse aspecto, Lima (op. cit.:285) argumenta:

“Esse fenômeno parece ter sido decorrente da chegada de bem-sucedidos e aguerridos horticultores interioranos à costa. Economicamente mais poderosos porquanto capazes

de produzir seus alimentos, socialmente organizados em estruturas mais sólidas e complexas, tecnologicamente mais avançados e numericamente expressivos, acabaram por determinar a absorção ou extinção dos pescadores-coletores, de tal forma que, à chegada dos europeus no limiar do século XVI, há muito essas populações já tinham desaparecido da costa centro-meridional brasileira”.

Para a ilha de São Luís, o processo de ocupação pré-colonial e histórica, apesar de pouco estudado, aponta para algumas conclusões semelhantes às colocadas por Lima (op.cit.:272).

São exemplos os achados arqueológicos fortuitos de cerâmica proto-Tupi em São Luís (Leite Filho & Leite 2005:12) e o relato dos capuchinhos Claude d’Abbeville e Yves D’Evreux sobre os índios Tupinambás, no início do século XVII, que indicam a fixação das aldeias Tupis em áreas próximas aos sambaquis. Isso corrobora uma ocupação de horticultores ceramistas em tempos imediatamente posteriores à ocupação dos povos sambaquieiros.

Pelo exposto, apesar dos dados de Lima (1999/200:271) resultarem de investigações arqueológicas em outra região, com características geoambientais e climáticas diferenciadas do litoral equatorial amazônico, suas conclusões podem ser utilizadas como hipóteses a serem testadas por novas pesquisas que possam explicar o abandono dos sambaquis dessa região.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, considerou-se que o estabelecimento de uma cronologia para a ocupação humana na ilha de São Luís, a partir do estudo pontual do sambaqui do Bacanga, constituiu-se em um grande passo para a compreensão dos processos que se desenvolveram nesse território antes da conquista européia. Entretanto, mais dados devem ser buscados e a cronologia até então disponível deverá ser refinada e estendida a todas as camadas do sítio, principalmente ao período em que se julga ser o de transição entre o assentamento ceramista pré-sambaqui e sambaqui.

Cabe ressaltar que a manufatura da cerâmica teve continuidade em todos os horizontes temporais descritos, garantindo a permanência de seu emprego social, independente do grupo humano que a fazia e/ou utilizava.

O conjunto de informações empíricas obtidas durante a pesquisa de mestrado, depois de submetidas à acurada análise e interpretação dos referenciais bibliográficos disponíveis, reorganizou os dados sobre a existência de cerâmica antiga em sítios do litoral equatorial amazônico. Contudo, a arqueologia das regiões litorâneas e estuarinas do litoral equatorial amazônico necessita de mais dados empíricos para sustentar as hipóteses levantadas nesse artigo e em outros trabalhos. É pela busca de uma história de longa duração das populações pescadoras-coletoras-caçadoras e ceramistas dessa região que as pesquisas atuais se pautam, em uma perspectiva regional e de comparação inter-sítios, tanto na ilha de São Luís, como nas áreas continentais.

## NOTAS

<sup>1</sup>Ab'Saber (2006:99) reconhece, a partir de dados geomorfológicos, paisagísticos e fisiográficos a existência de seis grandes setores projetados para costa tropical e subtropical brasileira. Com base nessa classificação, a porção mais setentrional da costa do Brasil estaria inserida no litoral equatorial amazônico, englobando os estados do Amapá, Pará e Maranhão.

<sup>2</sup>A dissertação *Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís, Maranhão* apresentou os primeiros resultados sistemáticos sobre os sambaquis da Ilha de São Luís. A continuidade ocorre no âmbito de pesquisa de doutorado, no MAE-USP. O enfoque foi ampliado e atualmente se realizam estudos em uma perspectiva regional. O título do projeto atual é *Os sambaquis do Bacanga e Panaquatira na Ilha de São Luís e Mocambo, município de Cururupu, Maranhão: um estudo acerca da paisagem arqueológica, cultura material, padrão de assentamento e subsistência*. A orientação do doutorado é da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Angelina Alves. A portaria do IPHAN que autoriza a realização dos trabalhos foi renovada e publicada no DOU, com o número 041, em 16 de dezembro de 2008.

<sup>3</sup>Esse tipo cerâmico foi chamado de Mina devido à extração de material osteomalaológico nesses sambaquis, que eram conhecidos popularmente como minas de sarnambi.

## REFERÊNCIAS

Ab'saber, A. N. 2006. *Brasil, paisagens de exceção: o litoral e o Pantanal Mato-grossense, patrimônios básicos*. Cotia: Ateliê Editorial.

\_\_\_\_\_. 2003. *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. Cotia: Ateliê Editorial.

Arnold, D. E. 1985. *Ceramic theory and cultural process*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bandeira, A. M. 2001. *Um panorama sobre os registros rupestres no Maranhão*. Monografia de conclusão de curso, Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil.

\_\_\_\_\_. 2008. *Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís- Maranhão*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, Brasil.

\_\_\_\_\_. 2008. *Os sambaquis do Bacanga e Panaquatira na Ilha de São Luís e Mocambo, município de Cururupu, Maranhão: um estudo acerca da paisagem arqueológica, cultura material, padrão de assentamento e subsistência*. Projeto de Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, Brasil.

Brochado, J. P. 1984. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Tese de Doutorado, Universidade de Illinois-Urbana-Champaign, EUA.

Francisco, B. H. R. 1966. *Contribuição à geologia da Folha de São Luís (Sa-23), no estado do Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações avulsas n. 5.

Francisco, B. H. R. & P. Loewenstein. 1968. *Léxico estratigráfico da região Norte do Brasil*. Belém: Museu Paraense Emílio, Publicações avulsas n. 9.

Gaspar, M. D. e M. Imazio. 2000. Os pescadores-coletores-caçadores do litoral

- Norte brasileiro, in *Pré-história da Terra Brasilis*. Organizado por M. C. Tenório, pp. 247-256. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Gov. Est. Maranhão. 1992. *Plano de Manejo Parque Estadual do Bacanga*. São Luís: SEMATUR.
- Hoopes, J. W. 1994. Ford revisited: a critical review of the chronology and relationships of the earliest ceramic complexes in the New World, 6000-1500 B.C. *Journal of World Prehistory* 8(1):1-49.
- Hoopes, J. W. & W. K. Barnett (Eds). 1995. *The emergence of pottery: technology and innovation in ancient societies*. Washington: Smithsonian Institution Press.
- Leite Filho, D. C. L. & E. G. Leite. 2005. Ocupação pré-histórica na Ilha de São Luís: a ocorrência de grupos ceramistas proto-Tupi. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 32: 12-13.
- Lima, T. A. 1999/2000. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil, in *Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia II*. Organizado por W. Neves, pp. 270-327. São Paulo: Revista USP 44.
- Loney, H. L. 2000. Society and technological control: a critical review of models of technological change in ceramic studies. *American Antiquity* 65(4): 646-668.
- Machado, A. L., C. G. Côrrea & D. F. Lopes. 1991. Sambaquis da Ilha de São Luís, Maranhão. Anais do I Simpósio de pré-história do Nordeste Brasileiro (Recife-PE). *CLIO Série Arqueológica* 4:99-100.
- Meggers, B. J. 1977. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- \_\_\_\_\_. 1997. La cerámica temprana en América del Sur: Invención independiente o difusión? *Revista de Arqueología Americana* 13: 7-40.
- Neves, E. G. 1999/2000. O velho e o novo na arqueologia Amazônica, in *Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia II*. Organizado por W. Neves, 86-111. Revista USP, São Paulo 44.
- \_\_\_\_\_. 2001. "A velha Hiléia": paisagens e passado de povos amazônicos, in *Brasil 50 mil anos, uma viagem ao passado pré-colonial*. Editado por P. de Blasis & E. Gonzáles, pp. 44-52. São Paulo: Edusp.
- Perota, C. & C. Botelho. 1992. *Les "sambaquis" de Guara et les variations climatiques pendant l'Holocène, in Évolution et de la zone caraibe méridionale pendant le Quaternaire*. Paris. Editado por M. T. Prost, pp. 379-395. Paris: Édition de l'Ostrom.
- Rice, P. M. 1999. On the origins of pottery. *Journal of archaeological method and theory* 6(1): 6-54.
- Roosevelt, A. C. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia, in *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem amazônico*. Organizado por W. Neves, pp. 103-141. Belém: MPEG/ CNPq/SCT/PR.
- \_\_\_\_\_. 1992. Arqueologia Amazônica, in *História dos índios no Brasil*. Organizado por M. C. Cunha, pp. 53-86. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP.
- \_\_\_\_\_. 1995. Early pottery in the Amazon: twenty years of scholarly obscurity, in *The emergence of pottery: technology and innovation in ancient societies*. Editado por W. K. Barnett & J. Hoopes, pp. 115-131. Washington: Smithsonian Institution Press.
- Roosevelt, A., R. A. Housley, M. Imazio da Silveira, S. Maranca, e R. Johnson. 1991. Eighth millenium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science* 254:1557-1696.

Schiffer, M. B. & J. M. Skibo. 1987. Theory and experiment study of technology. *Current Anthropology* 28(5): 595-622.

Simões, M. F. 1971. *Relatório semestral de atividades do pesquisador-chefe Mário Ferreira Simões para o segundo semestre de 1971*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Inédito.

\_\_\_\_\_. 1975a. *Relatório semestral de atividades do pesquisador Mário Ferreira Simões em 1975*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Inédito.

\_\_\_\_\_. 1975b. *Plano de pesquisas de Mário Ferreira Simões para 1975*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Inédito.

\_\_\_\_\_. 1978. *Contribuição do Museu Goeldi à arqueologia da Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

\_\_\_\_\_. 1981. Coletores- pescadores ceramistas do litoral do Salgado. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 7:1-33.